



ENTRE EXATIDÃO E APROXIMAÇÃO: O DIÁLOGO INICIAL ENTRE ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA CLÍNICA

ENTRE EXACTITUD Y APROXIMACIÓN: EL DIÁLOGO INICIAL ENTRE ANTROPOLOGÍA Y FILOSOFÍA CLÍNICA

Kélsen André Melo dos Santos*

Resumo

Este artigo faz parte das discussões antropológicas desenvolvidas ao longo da tese e tem como objetivo abordar a expressão “não por exatidão, mas por aproximação”, essencial para a Filosofia Clínica (FC) e que estabelece um diálogo profundo com o pensamento antropológico de Lévi-Strauss, trazendo desdobramentos significativos. Neste artigo, optou-se por focar nas implicações diretas desse diálogo, sem aprofundar o conceito de “agendamento mínimo”. Para ilustrar a importância dessa interação, recorre-se à História da Ciência, destacando a crise paradigmática entre a mecânica newtoniana e a física quântica, e como essas questões foram abordadas e solucionadas na antropologia. O texto “O Arco e o Cesto”, de Pierre Clastres, é utilizado para exemplificar a práxis da FC, especialmente o conceito de deslocamento curto, à luz da perspectiva antropológica.

Palavras-chave: Filosofia Clínica; Lúcio Packter; Antropologia; Levi Strauss; História da Ciência.

Resumen

Este artículo forma parte de las discusiones antropológicas desarrolladas a lo largo de la tesis y tiene como objetivo abordar la expresión “no por exactitud, sino por aproximación”, esencial para la Filosofía Clínica (FC), que establece un diálogo profundo con el pensamiento antropológico de Lévi-Strauss, generando múltiples implicaciones. Para este artículo, se decidió enfocar en la implicación directa sin profundizar en el “agendamento mínimo”. Para ilustrar la relevancia de este diálogo, se recurre a la Historia de la Ciencia, destacando la crisis paradigmática entre la mecánica newtoniana y la física cuántica, y cómo estas cuestiones fueron abordadas y resueltas en la antropología. El artículo también utiliza el texto “El arco y la cesta” de Pierre Clastres como ejemplo para explicar la praxis de la FC, especialmente desde la perspectiva antropológica.

Palabras Clave: Filosofía Clínica; Lúcio Packter; Antropología; Levi Strauss; Historia de la Ciencia.

Havia na Ciência moderna a crença da neutralidade científica. Essa crença adentrou, fortemente, o campo das Humanas (Kant, Fisicalismo, Positivismo), levando alguns pensadores a acreditarem que não havia distinção entre observar um astro sideral e uma pessoa¹. Seja lá qual fosse o “objeto” de análise, ele deveria ser reduzido e o pesquisador manter a sua neutralidade diante da observação e descrição do fenômeno. Diante dos corpos celestes, dos vírus e bactérias, para falar de alguns campos, isso é relativamente comum, porque não há afetação direta, empática entre os objetos. No entanto, no que se refere à relação, à intercessão entre outros humanos, tal neutralidade e

¹ David Cooper (1931-1986) e Ronald Laing (1927-1989), dois pioneiros da Antipsiquiatria. Em várias de suas obras abordam a incomensurabilidade desse olhar. Mais do que incomensurabilidade, eles apresentavam como absurda e criminoso a tentativa de se aplicar um modelo newtoniano dos corpos celestes à visão médica, em especial psiquiátrica, dos esquizofrênicos.



tal redução não seria possível, porque o sujeito afeta e é afetado. Ele é objeto de observação, mas é também observador participante.

Com o desenvolvimento da Física Quântica, assinalando a imponderabilidade dos elétrons, que ora se comportavam como partículas, ora como ondas, constatou-se que o olhar do observador alterava a realidade do campo. Os princípios regentes de uma neutralidade e objetividade ruíam diante da presença do observador². Atualizações desses entendimentos remetem à compreensão de que a consciência dos sujeitos influencia a realidade³.

Influencia? Os acontecimentos no mundo subatômico encontrariam efeitos diretos em nosso mundo objetivo? Alguns físicos veem nessas tentativas de importações de conceitos altamente matemáticos, metaforizados na esfera da linguagem ordinária, como maneira de aproximação; mesmo assim, muito distante do que verdadeiramente acontece no mundo estranho da vida quântica (Stephen Hawkins, Brian Greene, Oswaldo Pessoa) como uma ilicitude.

Nesta abordagem, a tradução linguística do universo quântico em linguagem conceitual é uma aproximação pálida de uma descrição realizada pela linguagem matemática. O que se desdobra diante desses obstáculos tecnológicos são os limites entre o todo e a parte, o mundo dos especialistas e eruditos versus o mundo dos não especialistas; basicamente, os discursos internalistas em oposição ao discurso externalistas e as formas, maneiras de se estabelecer diálogos. Não obstante, é importante que todos tenham clareza de que estão diante do fenômeno, e não da coisa mesma.

Em suma, a dificuldade de percepção, descrição, compreensão era a tônica de um mundo que descortinava novos ingredientes – circunstanciando, estamos falando de um mundo que apresentava novas organizações e fragmentações, fim do século XIX e início do XX. Àquela altura desafidores e proponentes de uma nova compreensão da realidade. Uma realidade que esfarelava e fragmentava todos os pressupostos de objetividade, trazendo no seu bojo o imponderável.

² Aqui há um sem-número de pesquisadores no campo da Física que se dedicaram a escrever, pensar e refletir sobre esse novo modelo e as suas implicações. Registramos Gaston Bachelard (1864-1962) e o seu “O Novo Espírito Científico”, que serve de ponto e contraponto para diversas abordagens.

³ Dialogando com os expoentes mais consagrados temos David Bohm, em “Todo e Parte”; Amit Goswami em “Universo Autoconsciente”, e o mais expressivo da atualidade, John Archibald Wheeler. Com menos destaque acadêmico, mas com a mesma ousadia temos Fritjof Capra, com o “Tao da Física” e B. Alan Wallace, com as “Dimensões Escondidas: a unificação de Física e Consciência”. São autores que nos auxiliam no entendimento da Complexidade.



Importante o registro de que essa incompletude fazia e faz parte do fazer do antropólogo, e não somente dele, seja na interação com o meio, seja na tentativa de descrever, interpretar essa observação para a sua cultura de origem, como em muitas outras áreas. É no campo desse fazer aberto que todas as áreas do conhecimento foram lançadas. A História, a Matemática, a Física, a Medicina, a Filosofia, áreas do saber que percorremos vez ou outra ao longo da tese, tiveram que ser completamente re-pensadas, re-formuladas, reestruturadas.

As pesquisas estruturais surgiram nas ciências sociais como consequência indireta de certos desenvolvimentos da matemática moderna, que vem dando cada vez mais importância aos dados qualitativos, afastando-se, assim, da perspectiva quantitativa da matemática tradicional. Em várias áreas, como a lógica matemática, a teoria dos conjuntos, a teoria dos grupos e a topologia, percebeu-se que problemas que não permitiam uma solução métrica podiam, mesmo assim, ser submetidos a um tratamento rigoroso. (Lévi-Strauss, 2021, p. 279).

Nada do que se apresentava como sólido permaneceu sem receber o bafo do desencanto, do desespero, da angústia. É de dentro dessa baforada que cada área buscou sua fundamentação. Buscou-se uma pacificação entre tema e objeto, teoria e método. Buscou-se e busca-se uma forma desse campo teórico ser pertinente ao campo da prática. Ou formulações teóricas que consigam dialogar com campos da realidade que não podem mais ser ignorados.

Desta maneira, não se pode perder de vista que em outra frente, em outro tipo de pesquisa, antropólogos, etnógrafos lançados a campo afirmavam que a simples presença deles na comunidade investigada alterava a realidade; eles buscavam desenvolver uma metodologia de observação que não contaminasse, colonizasse a cultura que se propuseram observar. Essa modalidade de pesquisa (observação participante) quebra as idealizações de neutralidade das ciências duras. Em verdade, redefine a metodologia do antropólogo que não pode mais reduzir o outro a uma forma de coletar dados (Lévi-Strauss, 2021; Ingold, 2017).

De onde se percebe que a busca por uma objetividade positivista à Durkheim era inalcançável, especialmente porque o antropólogo observava, descrevia, compreendia a realidade da tribo, comunidade investigada, a partir de si mesmo. Mas, poderia ser diferente? Seria possível observar, descrever sem perder a neutralidade? Seria possível interagir com outro(s) e não afetar e nem ser afetado?



Exatidão e Aproximação

Levi Strauss vai postular que não como exatidão e sim como aproximação. Exatidão e aproximação compõem o vocabulário da FC. A busca de cada FilCli é por aproximação, já que a exatidão no estudo humano não pode ser assegurada, sequer dada⁴. Isso intensifica ainda mais quando nos valem das leituras de grupo, coletivas. De toda forma, o ser humano não é exato e tampouco os estudos que a ele se dedicam.

Pressupostos da área das humanas que apontam o contrário, invariavelmente esbarram no determinismo, seja ele por via fatores sociais, seja por fatores genéticos, resultando em tentativas reducionistas para explicar a natureza humana e suas manifestações. Essa obstinação por uma mensuração quantitativa via causalidade como validação do observado e prova irrefutável, compreensiva, do interpretado é uma predisposição tola, infantil, de se buscar uma explicação e uma determinação que a existência não proporciona (Costa Lima, Morin, Heidegger, Dilthey). E está tudo certo com isso. Não temos respostas para tudo e por vezes as respostas que temos não esclarecem nossos atos.

O que se observa é que a possibilidade de uma descrição e compreensão objetiva, tal qual algumas áreas da ciência pleiteiam, só seria dada por um nativo. Um nativo que fosse capaz de dominar os símbolos de dois mundos, de duas realidades. Tal intercâmbio ainda não se apresentaria como algo tranquilo, já que precisaria traduzir os símbolos de uma cultura para leitores, intérpretes, viventes de outra cultura.

Strauss registra essa dificuldade logo no início da “Antropologia Estrutural” ao pontuar como que ao traduzir seus textos do inglês para o francês esbarrava em conceituações culturalmente diferentes. Outrossim, na falta desse nativo ideal, caberia ao antropólogo aproximar o máximo possível elementos, pontuações, perspectivas, símbolos e elementos sem que isso aprisione, supervalorize, universalize tais entendimentos.

⁴ Não se pode perder de vista a imagem tácita dessa frase que tem uma ressonância muito fina com o Princípio da Incerteza de Heisenberg que postula a impossibilidade de se medir com precisão e ao mesmo tempo a posição e a velocidade de uma partícula. Isso implica dizer que quanto mais precisamente se tenta medir a posição de uma partícula, maior será a incerteza no conhecimento de seu momento, e vice-versa. É na extensão desse problema inicialmente observacional, posteriormente ôntico de cunho matemático-filosófico, depois empírico-existencial-ontológico, que um novo paradigma se agudiza, reforçando o Experimento da Dupla Fenda. Ambas constatações quebram todo o entendimento lógico, newtoniano que se tinha da realidade e estreita-se diálogo com as filosofias orientais que focam na consciência e no papel do observador.



Um estudo etnográfico, por melhor que seja, jamais transformara o leitor em indígena. A Revolução de 1789 vivida por um aristocrata não é o mesmo fenômeno que a Revolução de 1789 vivida por um sans-culotte, e nem uma nem outra corresponde, de modo algum, à Revolução pensada por Michelet ou por Taine.” (Lévi-Strauss, 2021, p. 27)

Estamos adentrando o que Packter nos oferece como representação. Representações que na FC, além de apresentar uma cosmovisão, necessitam ser situadas via base e exames categoriais. Nesse tocante, a citação de Strauss representa os limites tanto do fazer antropológico quanto do fazer terapêutico.

Acreditamos que, epistemologicamente, seja mais fácil ao estudante de FC compreender essas aproximações, esse respeito à alteridade, o próprio “agendamento mínimo⁵”, valendo-se da perspectiva de um antropólogo, isto é, realizando um movimento no qual é levado a compreender cada partilhante, cada outro, como portador de uma cultura que ele não conhece. Cada partilhante é outro, que pode ser situado pela perspectiva antropológica ao adentar uma nova cultura do que a explicação teórica seja da época, seja do abandono dos pré-juízos.

Parte considerável do fazer do FilCli se dá na tentativa de se aproximar de um outro, que não pode ser reduzido ao seu psiquismo, nem a sua localidade, nem a sua sexualidade, nem a sua etnia; ao mesmo tempo que se faz imprescindível que tudo isso, a lembrar, sua etnia, sexualidade, localidade, malha intelectual e outros, seja levado em consideração. Cada outro que será percebido como e enquanto outro – na fala, no conceito, pode ser mais bem aproximado na *práxis*, no viés antropológico, e esse é um fazer altamente filosófico clínico.

- Deslocamento curto

Quando pensamos o movimento antropológico para ilustrar a relação entre o FilCli e seu partilhante, não podemos deixar de pensar nos deslocamentos da FC. Não adentraremos todos os movimentos do Tópico 14, denominado “Espacialidade”, mas tocaremos o deslocamento curto. A saber, a espacialidade nos auxilia na compreensão do lugar existencial que a pessoa se encontra. Se ela é mais inversiva, isto é, olha o mundo a partir de si mesma. Se ela está mais em recíproca, isto é, se ela se percebe e se localiza

⁵ O agendamento mínimo teve uma importância especial na tese, por ser altamente ilustrativo e emblemático para as muitas questões que nos propomos a discutir. Primeiramente, pelo receio, temor, paralisia que acaba sendo aos nossos olhos um dos principais obstáculos às pessoas irem à clínica. Segundo, porque ela encerra uma discussão conceitual altamente filosófica-fenomenológica, enquanto a sua *práxis* é sobretudo antropológica-estruturalista. Não obstante, escolhemos não trazer esse recorte para este artigo.



indo mais no mundo do outro do que no próprio. Se ela faz deslocamentos longos, isto é, se decalca dos objetos, da sensorialidade e viaja para campos mais abstratos. Se, pelo contrário, os deslocamentos dela são curtos e dialogam com os objetos à sua volta.

Lúcio ensina que “‘Deslocamento Curto’ é como chamo a mudança do enfoque, do ponto de vista, sobre certa situação; <O Nascimento da Tragédia, de Nietzsche; Mitológicas, de Claude Lévi-Strauss, e O Olho e o Espírito, de Maurice Merleau-Ponty são os referenciais a este submodo>” (Packter, *Caderno D*, p. 18).

Gosto de pensar este e outros deslocamentos como um movimento antropológico de ir ao mundo do outro, interagir com as coisas no seu campo de percepção⁶. De forma que o deslocamento curto guarda uma aproximação com o fazer etnográfico desde que tal movimentação tenha sentido na vida do outro. De nada adianta construir um deslocamento com um objeto que não tem correspondência na vivência, na existência do partilhante.

Sendtko, no livro “Submodos” diz que: “Este submodo pode ser considerado um movimento intelectual/sensório no qual as coisas se tornam ‘um anexo’ ou prolongamento do próprio corpo, a partir da vivência projetada por parte do partilhante, uma visão de lá (objeto) para cá (sujeito)”. (Sendtko, 2020, p. 75)

Aqui, Sendtko se vale de uma linguagem cartesiana-kantiana (objeto-sujeito), quase impossível de se romper, mas o movimento intelectual de “anexação” que ele reporta é fusional, isto é, não cartesiano⁷ e nos valeremos dele para pensar a correlação com o que estamos expondo.

Pierre Clastres (1934-1977), no “O Arco e o Cesto”, traz bons indicativos de como esses dois utensílios dialogam com a cultura Guaiaqui. Mais claramente, um antropólogo, falando de masculinidade ou feminilidade para este povo indígena, valendo-

⁶ Deslocamento longo e curto compõem respectivamente o Tópico 14 da “Estrutura de Pensamento e o 13º Submodo”. Lúcio, aqui, está se referindo ao SM deslocamento curto, cuja função é trazer a pessoa, movimentá-la, mas se valendo dos componentes sensoriais que estão à sua volta, no seu entorno.

⁷ Aqui se desdobram muitas considerações. A mais imediata é que há pessoas que são cartesianas, isto é, corpo e mente encontram-se divididos, separados e a tentativa de fusão causaria um caos. Há outras pessoas que não veem distinção entre o corpo e a mente; quando estabelecemos essas divisões, nós as cindimos. Em sala de aula, alunos, com o que Gardner denominou de Inteligência Corporal/Cinestésica, vivenciam as dificuldades de aprendizagem, porque nosso modelo de ensino é cartesiano. A escola é lugar da mente aprender e do corpo obedecer enquanto aprende (Foucault). Toda repressão é construída a partir da vigilância e punição do corpo. Os corpos nos quais são divididos da mente recebem esse tolhimento e aprimoram o pensar; já os corpos indóceis, rebeldes, inquietos, passam a ser estereotipados como o de pessoas burras, com dificuldade de aprendizagem. O que, verdadeiramente, só se aplica na utilização de um modelo de ensino-aprendizagem que restringe inteligência ao lógico matemático-discursivo e pensa a corporalidade como algo fragmentado, dividido, separado e distinto da mente, da alma.



se de bola ou boneca, elementos simbólicos de masculinidade e feminilidade em algumas culturas, em nada dialogaria com os índios Guaiaquis. Já o arco e o cesto refundam junto a eles aspectos imemoriais de uma convivência social institucionalizada, que preserva uma tradição, um lugar, uma função social, uma forma de se relacionar.

Um instrumento permite toda a movimentação do partilhante, ativando e reacendendo a sua cultura. Porém, esse diálogo só é possível valendo-se de símbolos que tenham sentido individual-coletivo ao partilhante, sujeito⁸.

- Interferência

É nessa direção que pensamos a interferência na FC e tocamos um dos poucos tabus, mitos que ela possui. Um mito cujo rescaldo toca o/a FilCli⁹ e a FC por derivação. Não um *mytho*¹⁰ fundacional, mas sim uma dificuldade epistemológica, cultural, que se tem de lidar com a não hierarquização das relações. Uma dificuldade de preservar e aceitar o espaço do vazio, da incerteza, do não-saber, na forma do silêncio, da escuta como elementos importantes e constituintes das relações. A preservação desse espaço é desafiadora a todos, em especial àqueles que buscam sentido, explicação para os fenômenos.

Na FC há esse vazio, e não é por não ter conteúdo para preenchimento desse espaço. É porque a FC se apresenta como um dos primeiros processos terapêuticos que dialogou com o mito sem incorporá-lo e se apresentar como um saber mítico atualizado, ritualizado em cada sessão, em cada atendimento como grande parte dos processos terapêuticos de matrizes psicológicas se valem.

Esses saberes ao estabelecerem uma ruptura com a filosofia, invariavelmente se associam aos mitos para negarem, afastarem as explicações epistemológicas do próprio

⁸ Uma parte considerável dessa movimentação que um instrumento, um símbolo gera na malha intelectual de um partilhante, de uma sociedade nós nos valemos da importância do *mytho* para caracterizar. O *mytho* tanto na sua roupagem psicológica quanto na sua leitura antropológica se apresenta como imaginário constitutivo de uma ordem psíquica, intelectual de um fazer social. No artigo suprimos a querela entre Straus e Freud sobre o *mytho*, porque fugiria do escopo. No entanto, no seio da tese essa discussão nos auxiliou a compreender melhor o entendimento que José Mauricio de Carvalho tem de Merleau-Ponty acerca da corporalidade e da encarnação.

⁹ FilCli – abreviação de Filósofo, Filósofa Clínico, que Paulo Grandissoli utiliza no seu capítulo no livro “Tópicos do Recanto da FC” e que adotaremos ao longo de todo artigo.

¹⁰ A dupla grafia da palavra mito/*mytho* dialoga com uma distinção sobre o entendimento do termo. A 1ª grafia dialoga com a visão positivista, que postula o mito como um conhecimento menor, inferior de culturas e povos primitivos. A 2ª grafia apresenta uma visão na qual o *mytho* é uma força altamente simbólica em diálogo com níveis e camadas profundas da nossa malha intelectual com capacidade de auxiliar com muita clareza e elegância como as sociedades se estruturam e como essa estruturação incide nos indivíduos.



fazer, que são filosóficas. Por outro lado, as matrizes filosóficas de orientação terapêutica se valem, invariavelmente, de um componente mais lógico-formal-racionalista, negando as partes veladas e inexplicáveis tanto do fenômeno quanto do *noúmeno*.

A FC, na sua abordagem existencial, se deixa aberta a lidar com o fenômeno, na forma com a qual ele se apresenta. Não se possui um *a priori* para reduzir, explicar, conformar, adaptar o fenômeno a um campo teórico prévio, ou *a posteriori*. Não se tem um mito primordial, um olhar primordial que elucida os sujeitos universalmente: Édipo (Freud), felicidade (Jorge Dias), integração do *self* (Jung), Meta (Aconselhamentos¹¹).

A tendência, diante do vazio, é a busca por sentido. Sentido mítico, religioso, filosófico, científico, artístico, uma maneira de lidar com o vazio, o nada. Os processos terapêuticos não fugiram disso. Diante do vazio adentraram o mito e se apropriaram dele para refundar um novo sentido. Um sentido que reconta, que se ritualiza a cada atendimento.

O terapeuta inicia os procedimentos em busca e à espera que determinados símbolos apareçam e assim ele/ela possa significar o complexo, a síndrome, a desordem, a doença, a anormalidade.

Na FC existe a proposta de manter esse vazio, esse não-lugar, esse nada, esse silêncio cujo conteúdo será preenchido pela Historicidade do partilhante e nenhum *a priori*, ou transcendência. Apenas a epifania do desvelar da própria história e a multiplicidade de possibilidades que isso encerra. Por exemplo: Buzzi, em diálogo tácito com Strauss e outros, nos pergunta: “A obra de Freud, por ser científica, compreende mais a experiência humana que a obra de Sófocles?”. (Buzzi, 1985, p. 119)

O filósofo brasileiro referia-se ao Édipo Rei e toda a trama caracterizada pelo incesto, parricídio, e às culturas tribais, como os Arapeshe, para quem a proibição do incesto, longe de ser um ato de castração e rebeldia, simbolizava um ato de liberdade (Buzzi, Lévi-Strauss, Feyerabend).

Na mesma linha da incomensurabilidade, uma interpretação pode conviver com a outra sem uma hierarquização normativa, axiológica, meritocrática. Sem uma ritualização do fazer prefixando um olhar hermenêutico sobre o outro. Parte dessa abordagem a FC leva consigo.

¹¹ Essas referências dialogam com todo um capítulo anterior no qual debruçamos sobre a Filosofia Aplicada (FA) de José Barrientos, o Aconselhamento Filosófico (AF) de Jorge Dias e como elas tem de semelhança e afastamento da FC. No caso em questão estamos nos valendo da ideia do *Project* de Dias que se volta a busca pela felicidade.



Na FC, o *mytho* se faz vazio, nada. E esse nada não apavora o/a FilCli. Pelo contrário, é em conversação com ele que se estabelecerá a sua clínica. Não obstante, há um receio natural diante desse vazio, que cria um movimento de preenchimento, a todo tempo, não no espaço da fundamentação e sim na quase idolatria da imagem do criador da FC. Alguns colegas colocam Lúcio nesse lugar, um lugar que ele nunca aceitou estar e sempre faz movimentos para sair. Observamos essa movimentação como a dificuldade de lidarmos com o nada.

Como não há um *mytho* fundante para recorrermos, tampouco um deus a ser adorado e/ou idolatrado. Corre-se o risco de a imagem do sistematizador ser transformada em mito. Há um vazio e diante dele o nosso fazer.

Jamil Stefanuto, no seu artigo “Sistematização da FC no Brasil”, comenta que “A ideia do professor Lúcio, desde o início, sempre foi a de que a Filosofia Clínica não tivesse um dono, e, segundo ele, ela foi finalmente aceita.” (Jamil, 2018, p. 107).

Essa aceitação não foi clara, nem fácil e nem acredito que a alcançamos de todo. Esse não-lugar hierárquico abala, mexe, desestrutura as pessoas. Diz Lúcio, historicizando um pouco essa caminhada:

O Instituto Packter abriria mão de seus direitos autorais no momento oportuno quando nós tivéssemos uma representatividade significativa para caminharmos, e então isso foi colocado, isso veio conosco, mas não é nosso, precisam caminhar, precisam ter liberdade, e, na época eles não compreenderam, não acharam que isso seria possível. Então foi deixado, foi arquivado o que aconteceria praticamente duas décadas depois, a doação completa de todos os direitos: os *cadernos* de Filosofia Clínica, as obras, tudo o que envolvia Filosofia Clínica. (Packter, *apud* Stefanuto, p. 107)

Mesmo duas décadas depois, a renúncia não foi compreendida e assimilada. Pelo contrário, ela marcou um forte “racha” na FC. De modo que esse não-lugar hierárquico guarda esse componente mítico-institucional com o qual ainda estamos aprendendo a lidar. Um aprendizado fundamental para compreendermos a horizontalidade da FC não somente em sua *práxis*, como na sua ontologia epistemológica. Uma epistemologia na qual FilCli e partilhante dividem o mesmo espaço e construção fundacional, relacional não hierarquizado. A autoridade do FilCli não se faz e nem se mantém *a priori*.

O status de FilCli não conduz a nenhum lugar privilegiado, nem a um acesso ritualizado no qual seu lugar, sua autoridade estarão preservados como um totem a ser adorado; pelo contrário. É nesse não-lugar, nesse silêncio, nesse vazio, que cada FilCli



olhará para o abismo, o desconhecido, e irá trabalhar uma relação compartilhada na elaboração de um caminho que dialogue com a singularidade de cada partilhante atendido.

Um caminho que se faz premente a cada partilhante e por vezes a cada sessão com o mesmo partilhante encontrando como e quais dimensões imagéticas habitam o mundo dele e como elas ganharam tonalidade, textura, expressividade, vivência, existencialidade; definitivamente, não há um *a priori*.

Na FC o *mytho* quebra o mito, se faz Filosofia, *logos* no sentido mais histórico do termo e mais moderno do conceito. Mais histórico, porque a FC mata o mito na concepção positivista. Mais moderno, porque ela se abre à compreensão do simbólico na sua pluralidade de entendimento e não entendimento. Saber e não saber, conhecer e desconhecer, ser e não ser; literalmente, o “não sei” socrático é uma *práxis*.

- Transferência e Contratransferência

No que se refere às práticas terapêuticas e psicoterapêuticas, o envolvimento com o cliente é um dos maiores tabus, passíveis de condenação em todos os conselhos de ética. Nada mais ofensivo à prática terapêutica do que a interação do terapeuta com seu paciente fora de um protocolo muito bem definido, estabelecido, dimensionado do que é passível à prática clínica e o que não é.

Na linguagem psicanalítica estamos falando de transferência e contratransferência. Estamos falando de um modelo clínico no qual há um ser na condição de sujeito e outro paciente, reduzido à condição de objeto. O ser, na condição de sujeito, não pode influenciar ou se permitir ser influenciado pelo objeto à sua frente.

Qualquer terapeuta, minimamente sensível, compreende o tamanho do obstáculo epistemológico que foi colocado antes da prática, nessa busca purista por uma neutralidade, que por todo o desenvolvimento científico pós-Freud se mostrou superada. Os seres se afetam, o que não retira o cuidado do terapeuta diante do outro. Não obstante, não reduz esse outro a uma condição passiva, infantilizada, na qual não saiba de si e necessita ser tutelado por um adulto, neutro, equilibrado, praticamente fora do espectro humano; o terapeuta.

Essa dimensionalidade caminha mais para o espectro religioso, no qual o terapeuta herda simbolicamente, miticamente, o lugar de santo ou de cientista “*clean*”, isto é, seres vestidos com uniformes impolutamente brancos, confinados num laboratório



imaculadamente limpo, translúcido, nos quais os germes, caso existissem por lá, seriam vistos sem microscópio, tamanha a limpeza do ambiente.

São essas dubiedades da existência que acabam sendo captadas, pressentidas pelos pacientes/objetos e confundem a clínica com todo um material contaminado pela tentativa alucinada de pureza. Seria importante uma reflexão sobre essas correntes, similar à que estamos levantando no que tange à FC, para que investigassem a hipótese do quanto essa conduta por si só não produz um comportamento neurótico em seus clientes, que será a base de investigação, ou seja: quantos pacientes desenvolvem a neurose depois de começarem à clínica, justamente por entrarem em contato com essas cosmovisões de pureza, neutralidade e não afetação?

Retornando, na FC há a quebra desse lugar e dessa autoridade. O FilCli é antes de tudo um amigo, que se coloca numa posição horizontal com seu partilhante. Esse lugar não é cômodo. Há colegas que usam jaleco branco e gostam de ser chamados de doutores. Há partilhantes que confundem essa harmonia horizontal como uma perda de referência.

Lúcio foi inúmeras vezes ridicularizado, combatido, tido como charlatão, por responder “não sei”, quando o esperado por todos eram respostas de autoridade, respostas protocolares que dissessem claramente e universalmente o que fazer em caso de surto, aborto, suicídio para mencionar apenas alguns. Espera-se da FC e dos FilCli um procedimento que não podemos ter antes de sabermos qual é o sujeito/pessoa de que estamos falando. De modo que, na FC, reconhece-se cada vez mais a migração de afetos do FilCli para o partilhante e vice-versa, sem que isso cause suspeição ou invalidação da clínica. Entre terapeutas mais puristas, ser visto em outro lugar por um cliente pode constituir invalidação terapêutica porque o *setting* foi contaminado.

A preservação desse vazio originário, no qual o cliente deve estar dentro, altamente seguro e protegido (útero), representa todo o complexo de Édipo e o mito originário a que a Psicanálise e outras correntes sempre retornam, sempre ritualizam. Na FC não há esses padrões, essa ritualização, esse mito originário; todavia ele migra e tende a nos pegar em outros lugares, os dois que mencionamos:

- 1) o da mitificação do sistematizador da FC. Por mais que ele nos esclareça que não deseja esse lugar, insistentemente, nós o conduzimos a esse trono, que para ele deve ficar aberto para que outros sentem, façam o uso necessário e o desocupem.



Se a primeira partilhante da FC foi a própria Filosofia, esse trono guarda o lugar dos partilhantes, não sendo cadeira cativa para ninguém ocupar permanentemente, tampouco lugar para ser cultuado e peregrinado. Aqueles que desejam isso precisam ser destronados, como nos ensina a boa Filosofia no combate aos mitos. Isto é, aqueles que acreditam que são a correspondência da verdade em si não compreenderam o sentido mais radical da FC e que a faz Filosofia na profundidade que Bertoche¹² nos coloca.

- 2) compreendermos que agendamento mínimo é diferente de contaminar a clínica. Criar caminhos de condução que mais pareça coerção. São coisas distintas. Nós nos afetamos e somos afetados, e saindo do imaginário puristas e higienistas, que ganham substratos machistas, racistas, conseguimos alargar e olhar nos olhos do vazio sem sairmos correndo para trazermos visões messiânicas, científicas, religiosas e até mesmo filosóficas a priori. Para tanto, precisamos acolher a alteridade, outrx. É elx que refunda, que ocupa o vazio na FC.

É na lida com o vazio que nos fazemos Filcli indo ao mundo do outro sem levarmos a prioris que não sabemos que se molda ao ser do outro. É igualmente nessa tônica que discutimos o agendamento mínimo. Ele é ensinado como sendo uma contaminação, trazedo em si toda a dimensão purista, higienista de formas de atendimento que dialogam pouco com a práxis da FC.

Na busca purista e idealizada de uma objetividade longe de influência e contaminação criou-se protocolos nas mais diversas correntes terapêuticas e psicoterapêuticas que podem ser revistas e reanalisadas a luz de novas teorias da Física. Mais especificamente, sobre a FC existe a necessidade de compreendermos a epóche filosófica em distinção ao agendamento. Mas, a discussão dessa interação-distinção não trouxe para este artigo.

O que se presentifica é que tais visões puristas se tornam realizáveis teoricamente e idealmente por reduzirem o outro a condição de objeto, ou extinguir o outro. Essa abstração matemática, altamente fenomenológica, resolve muitos problemas ideais, mas dificulta a práxis. Parafraseando Dostoeiwisky – não tendo outrx, tudo é possível.

¹² Refiro-me ao artigo do colega Exercícios espirituais na filosofia antiga e na filosofia clínica. *In*: SILVA, Ronaldo Miguel; GOYA, Will. **Filosofia Clínica e Espiritualidade**. Porto Alegre: Mikelis, 2018. p. 39-54.



No entanto, diante da face do outro, na sua pre-sença, tudo se remodela para que ele seja percebido, compreendido, aproximando-se ao máximo, sem deixar de ser quem se é, sem colonizar aquele que é. Uma interseção compartilhada do ser-sendo. Uma quebra à tentativa idealista, purista de uma observação objetivista. Uma nova forma de fazer clínica.

REFERÊNCIAS

- BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao Pensar**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 231 p.
- CLASTRES, Pierre. O Arco e o Cesto. *In: A Sociedade contra o Estado. Pesquisas de Antropologia Política*. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 448 p.
- INGOLD, T.; ALMEIDA, R. A. Antropologia *versus* etnografia. Tradução de Rafael Antunes Almeida. **Cadernos de Campo (São Paulo – 1991)**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 222-228, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/140192/140850>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Tradução e notas: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1958/2021. 400 p. (Coleção Os Pensadores).
- NASCIMENTO, Carlos Eduardo. Tópico 14 – Espacialidade. *In: FERNANDES, Cláudio; TITTANEGRO, Gláucia Rita; SILVA, Márcio José Andrade da; GRANDISOLLI, Paulo R. (orgs.). Filosofia Clínica – Tópicos*. São Paulo: Independente, 2021. p. 112-122.
- PACKTER, Lúcio. **Caderno D: Especialização em Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Instituto Packter, [s/d]. 34p.
- PACKTER, Lúcio. **Agendamentos Indevidos & Agendamentos Adequados**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2019.
- SENDTKO, Gilberto Gilmar. Aspectos relacionados à fé durante a clínica filosófica. *In: SILVA, Ronaldo Miguel; GOYA, Will (org.). Filosofia Clínica e Espiritualidade*. Porto Alegre: Mikelis, 2018. p. 55-78.
- SENDTKO, Gilberto Gilmar. A formação do filósofo clínico. *In: SILVA, Ronaldo Miguel (org.). Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil*. Porto Alegre: Mikelis, 2020. p. 117-124.



SENDTKO, Gilberto Gilmar. Sm 13 – Deslocamento Curto. *In*: FERNANDES, Cláudio; TITTANEGRO, Gláucia Rita; SILVA, Márcio José Andrade da; GRANDISOLLI, Paulo R. (orgs.). **Filosofia Clínica – Submodos**. São Paulo: Independente, 2020. p. 81-83.

SENDTKO, Gilberto Gilmar. Sm 14 – Deslocamento Longo. *In*: FERNANDES, Cláudio; TITTANEGRO, Gláucia Rita; SILVA, Márcio José Andrade da; GRANDISOLLI, Paulo R. (orgs.). **Filosofia Clínica – Submodos**. São Paulo: Independente, 2020.

STEFANUTO, Jamil. Uma conversação entre Filosofia Clínica e a espiritualidade do Novo Testamento. *In*: SILVA, Ronaldo Miguel; GOYA, Will (org.). **Filosofia Clínica e Espiritualidade**. Porto Alegre: Mikelis, 2018. p.129-152.

* Kélsen André Melo dos Santos, Bacharel Licenciado em Filosofia pela PUC/MG (1999); Mestre em Educação Tecnológica pelo Cefet/MG (2008); Pós-graduado em Filosofia Clínica pelo Instituto Mineiro de Filosofia Clínica [IMFIC] - (2014). Coordenador do IMFIC, polo BH – Belo Horizonte/Brasil (desde 2016). Professor de Filosofia da Rede Pública Estadual de Minas Gerais por 20 anos. Responsável pelo Instituto Fiholosofoico (desde 2011). Professor de Filosofia Clínica do Instituto Sendkho de Ensino Superior (ISES) de Chapecó-SC e do IMFIC. Doutor em Educação pela *Universidad Martin Lutero*/Flórida-EUA (2023). E-mail: kelsenfilos@yahoo.com.br.